

LINGUASAGEM

AS IRONIAS CONSTRUCIONAIS *SÓ QUE NUNCA* E *SÓ QUE SIM*: UMA ANÁLISE COGNITIVO-FUNCIONAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Daniel William Ferreira de Camargo¹
Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale²

RESUMO

Com este trabalho, pretende-se atestar o estatuto de *só que nunca* e *só que sim* como ironias construcionais, segundo o paradigma da Gramática de Construções. Tendo em vista as propriedades de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade (Traugott e Trousdale, 2013), *só que nunca* e *só que sim* constituem construções prototípicas, porque se mostram mais esquemáticas, mais produtivas e menos composicionais, graças a seu comportamento morfossintático-semântico, a exemplo de *só que não* (Camargo, 2017, 2020, 2022), na qual se destaca um caráter inerentemente irônico. Para tanto, fazemos uso sincrônico e qualitativo d'O *Corpus do Português* (Davies, 2016), esperando, assim, contribuir para o enriquecimento dos estudos linguísticos no português escrito de variação brasileira, no sentido de avançarmos na compreensão da ironia como uma estratégia linguística profundamente enraizada nas interações do dia a dia.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística cognitiva; Gramática de construções; Ironia construcional; *Só que nunca*; *Só que sim*.

ABSTRACT

This work aims to verify the constructional irony status of *só que nunca* e *só que sim*, according to the paradigm of Construction Grammar. Considering the properties of schematicity, productivity, and compositionality (Traugott e Trousdale, 2013), *só que nunca* e *só que sim* represent prototypical constructions, as they exhibit more schematicity, more productivity, and less compositionality, due to its morphosyntactic-semantic behavior, like *só que não* (Camargo, 2017, 2020, 2022), in which an inherently ironic aspect stands out. To achieve this, we use O *Corpus do Português* (Davies, 2016) from a synchronic and qualitative perspective, seeking to contribute to the enrichment of linguistic studies on written Brazilian Portuguese. This research aims to advance our understanding of irony as a deeply rooted linguistic strategy in everyday interactions.

KEYWORDS: Cognitive linguistics; Construction grammar; Construction irony; *Só que nunca*; *Só que sim*.

¹ Graduado em Letras pela UFSCar (2014), é mestre (2017) e doutorando em Linguística também pela UFSCar. É professor efetivo do IFSULDEMINAS – Câmpus Muzambinho. E-mail: daniel.camargo@ifsuldeminas.edu.br.

² Graduada em Letras pela Unesp – Câmpus São José do Rio Preto (1994), é mestra (1999) e doutora (2005) em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp – Câmpus Araraquara e realizou estágio de pesquisa (BPS/Fapesp) na Katholieke Universiteit Leuven (2014-2015). É professora titular da UFSCar. E-mail: flaviahiratavale@ufscar.br.

Introdução

São diversos os trabalhos que propõem investigar e descrever as escolhas no âmbito de uma língua. No caso do português, o cenário não é diferente. Para satisfazer as mais diferentes situações comunicativas, decorrentes das inúmeras, simultâneas, incessantes e cotidianas interações ininterruptamente travadas pelo falante, alguns usos perdem força, ao passo que outros se firmam e outros mais emergem, o que constitui a dinâmica própria de uma língua viva.

Desse incontável inventário de usos, destacamos *só que nunca* e *só que sim*. Sua natureza se constitui de traços tão prototípicos, entre os quais o da articulação, o da negação/reiteração e o da ironia, que podemos, com isso, exemplificar a força criadora partilhada pela língua e pelo falante.

Observemos o caso a seguir:

- (1) Bruna exibe seu muque enquanto Giovanna capricha na elasticidade. # “Cheias de marra... Pura diversão!”, escreveu Antonelli, que mostrou ter levado os exercícios com bom humor: “Com essa turma do meu coração, de meninas superpoderosas! Foi puxado hoje, mas demos muita risada”. Ela completa 38 anos nesta terça, 18. # Pouco depois, foi a vez de Bruna postar uma montagem de fotos feitas durante a aula. “Já ‘crossfitei’ por hoje!!!! Treino fácil porque é domingo. **Só que nunca!** Morta feat. Enterrada”, divertiu-se. Nos comentários, muitos elogios à sua boa forma: “Olha, as coxas da brumarquezzine estão definidíssimas!”, “Neymar pira!”, “Deusas e lindas” e “Realmente domingo é para os fortes” (60, https://olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Marquezzine_e_Giovanna_Antonelli_exibem_marra_e_barrigas_sequinhas_fotos&id=361862, 2014, grifo nosso).

Nesse exemplo, faz-se uma afirmação (*Treino fácil porque é domingo*) que, logo depois, é negada ironicamente por meio do encapsulamento do verbo *ser*, na terceira pessoa do presente do indicativo – o que seria, semanticamente, equivalente a uma afirmação como *Nunca é fácil porque é domingo*. Consegue-se, então, um efeito de sentido um tanto peculiar, uma vez que, ao mesmo tempo que se suaviza a negação, fazendo-a, de acordo com Barbe (1995 *apud* Attardo, 2000), soar polida, ela é reforçada, enfatizando-se a mensagem.

Desse modo, *só que nunca*, a exemplo do que faz *só que não* (Camargo 2017, 2020, 2022), além de veicular ironia, nega a porção textual anterior, mas de maneira contundente, produzindo um efeito de sentido terminativo. Saliente-se, entretanto, que a força advinda da refutação do advérbio *nunca* não confere impolidez à sentença, como poderíamos supor; pelo contrário, associada à ironia, a negação, em qualquer que seja o grau de intensidade, é sempre educada.

Consideremos, agora, a seguinte ocorrência:

- (2) Pedra de hyrule (**só que sim**), NÓS (POBRES BRASILEIROS) teremos o Nintendo TVii aqui no BRasil e o que acha sobre o remake de DuckTales (Ooo-Hoo)? \o/ Anônimo “Ooo-Hoo” da Silva (2, <https://www.nintendoblast.com.br/2013/04/n-blast-responde-108-quem-quer.html>, 2013, grifo nosso).

Em (2) *só que sim* também veicula ironia; diferentemente de *só que nunca*, porém, reitera a porção textual anterior. Nesse caso, pois, a operação é a mesma, só que com a diferença de que a ironia se dá não pela negação, mas pela reiteração do conteúdo anterior.

Dessa forma, é consensual a percepção de um modo de dizer irônico no que diz respeito a ambas as construções, ressalvadas suas diferenças. Fica-nos clara, portanto, a completude de usos como esses: além de refutar/reiterar uma proposição imediatamente anterior, *só que sim* e *só que nunca* conferem caráter irônico ao enunciado por meio de encapsulamento verbal.

Nesse aspecto, a partir da caracterização de Camargo (2017), tratamos, à luz de Goldberg (2006), de Traugott e Trousdale (2013) e de Lehmann e Bergs (2021), de *só que nunca* e *só que sim* como ironias construcionais, porque pareamentos forma-função altamente integrados cujo sentido irônico prevalece sobre o literal. Para tanto, recorremos aos pressupostos da Gramática de Construções, analisando qualitativamente ocorrências em *corpus* contemporâneo do português brasileiro.

Gramática de Construções - GC

Conforme Pinheiro e Ferrari (2020), a GC não constitui um modelo único e homogêneo, mas uma família de abordagens que compartilham princípios basilares, embora com variações teóricas e metodológicas. Apesar da heterogeneidade, é possível

organizar essas abordagens com base em dois eixos centrais: (i) relação entre cognição geral e cognição linguística e (ii) relação entre conhecimento linguístico e uso efetivo da língua.

Podem-se, pois, delinear dois grandes grupos, sendo a Linguística Cognitivo-Funcional, chamada de Gramática de Construções Baseada no Uso – GCBU, o que mais nos interessa neste trabalho, em oposição à tradição formalista. Tal vertente, vale dizer, considera a gramática como composta de unidades simbólicas que emergem da experiência linguística concreta dos falantes e se estruturam a partir de operações cognitivas gerais, e não exclusivas.

Independentemente, porém, das diferenças existentes entre as linhas que compõem o que se convencionou como GC, o paradigma, quando concebido por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e enriquecido por Kay e Fillmore (1999), objetiva, acima de tudo, explicar as irregularidades linguísticas, haja vista pressupor que, uma vez esclarecidas, o mesmo raciocínio possa ser aplicado às suas regularidades.

Dessa maneira, definiu-se um conjunto único de propriedades, válido para todos os tipos de estrutura linguística, em todos os tipos de análise, dos mais simples aos mais complexos, incluindo-se morfemas, palavras, expressões, padrões parcialmente preenchidos e padrões não completamente especificados ou esquemáticos (Goldberg, 2006). A esse respeito, afirma-se o seguinte:

A unidade básica da gramática é a construção; a estrutura semântica é projetada diretamente na estrutura sintática; a língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; as associações entre esses nós são representadas na forma de hierarquias de herança³; a estrutura da língua é moldada pelo uso (Cunha *et al.*, 2017, p. 21).

Convém esclarecer que o termo *construção*, apesar de frequente em gramáticas pedagógicas e estruturalistas, nem sempre significa como a GC o entende de fato. Nesse aspecto, uma das definições mais difundidas é a de Goldberg (1995):

C é uma construção se e somente C é definido como um pareamento forma-significado <Fi, Si>, de maneira que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não são estritamente previsíveis pelas partes

³ À luz da GC, *hierarquia de herança* refere-se a uma estrutura que descreve como uma construção herda propriedades gramaticais de outras construções, o que pode incluir aspectos como concordância, ordem de itens e relação, por exemplo, entre sujeito e verbo. Diz respeito, portanto, ao compartilhamento de propriedades entre uma construção descendente e suas construções ascendentes.

componentes de C ou por outras construções previamente estabelecidas (Goldberg, 1995, p. 4, tradução nossa⁴).

Em linhas gerais, o que Goldberg (1995) propõe é que uma construção se caracteriza por três elementos fundamentais: (i) pareamento entre forma e função, (ii) constituição como unidade de conhecimento linguístico armazenada na mente do falante e (iii) obediência ao critério da imprevisibilidade, seja na forma, seja no significado – critério que se refere à impossibilidade de deduzir o sentido ou a estrutura formal de uma construção a partir da simples soma de suas partes componentes. Nesses casos, o significado global da construção só é compreensível como unidade holística e, por isso, precisa ser mentalmente armazenado como tal.

Aliás, como observam Croft e Cruse (2004 *apud* Lehmann; Bergs, 2021), a derivação não convencional do significado é justamente “a evidência mais forte de que as construções são objetos sintáticos independentes” (Croft; Cruse, 2004 *apud* Lehmann; Bergs, 2021, p. 315, tradução nossa⁵), isto é, formas linguísticas que não podem ser reduzidas a regras composicionais tradicionais e devem ser tratadas como entidades gramaticais autônomas.

Goldberg (2006), contudo, atualiza seus termos, deixando de lado o critério da imprevisibilidade em certas ocasiões, como quando há alta recorrência:

Um dado padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto da sua forma ou função não seja estritamente previsível por meio de suas partes componentes ou por meio de outras construções existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, até mesmo os completamente previsíveis, desde que eles ocorram com uma frequência suficiente (Goldberg, 2006, p. 5, tradução nossa⁶).

Segundo Lehmann e Bergs (2021), a despeito de a frequência ser critério um tanto controverso, visto que não é possível mensurar a suficiência de determinada frequência, uma ocorrência como *Que horas são?*, tendo em vista a perspectiva baseada no uso (Bybee, 2013), pode ser, nos termos de Goldberg (2006), também uma construção, na

⁴ No original: “C is a construction if C is a form-meaning pair $\langle Fi, Si \rangle$ such that some aspect of Fi or some aspect of Si is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions”.

⁵ No original: “[...] the strongest pieces of evidence for constructions as independent syntactic objects”.

⁶ No original: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency”.

medida em que, “quanto mais frequentemente uma expressão substantiva ou um padrão são empregados, mais provavelmente eles estejam entranhados no repositório mental do usuário da língua” (Lehmann; Bergs, 2021, p. 316-317, tradução nossa⁷). Em outros termos, toda expressão já cristalizada configura-se como construção, mesmo sendo altamente previsível, composicional.

Nesse sentido, construções são unidades simbólicas e convencionais da gramática – unidades, porque são tão idiossincráticas (Goldberg, 1995) ou tão frequentes (Goldberg, 2006) que estão enraizadas na mente dos usuários; simbólicas, porque constituem signos associados a um pareamento forma-função; e convencionais, porque são compartilhadas por determinado grupo de falantes em uma mesma comunidade.

Assumindo, assim, o termo *construção* o conceito de unidade gramatical básica, *língua*, por extensão, “define-se como conjunto de construções específicas e hierarquizadas que, interconectadas, compõem uma ampla rede, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas se encontram integradas” (Rosário; Oliveira, 2016, p. 239).

Ainda no tocante à definição de *construção*, Traugott e Trousdale (2013) apresentam uma classificação em termos de três dimensões: *tamanho*, *natureza fonológica* e *conceito*, como elucida o quadro a seguir:

Dimensão <i>tamanho</i>	Atômica	Complexa	Intermediária
	Construções monomorfêmicas	Unidades de <i>chunks</i> analisáveis	Unidades parcialmente analisáveis
Dimensão <i>especificidade fonológica</i>	Substantiva	Esquemática	Intermediária
	Construções fonológica e completamente especificadas	Abstrações	Entre especificação e abstração
	Plena	Procedural	Intermediária

⁷ No original: “The more often a substantive expression or a pattern is encountered, the more likely it will be entrenched in the language user’s mental repository”.

Dimensão <i>conceito</i>	Construções lexicais	Construções gramaticais	<i>Way-construction</i> ⁸
-----------------------------	----------------------	----------------------------	--------------------------------------

Quadro 1 - Dimensões das construções⁹

O quadro demonstra que as construções linguísticas são de diferentes tipos, distribuindo-se por um contínuo em três dimensões principais, a saber, *tamanho* (de palavras a padrões complexos), *especificidade fonológica* (de expressões fixas a abstrações esquemáticas) e *conceito* (de significado lexical cheio a instruções gramaticais).

Isso significar dizer, então, que a GC não vê a língua como rigidamente dividida em léxico e gramática, mas como uma rede de construções distribuídas ao longo dessas dimensões: “Em suma, a construção ou um inventário de construções contém itens com características das três dimensões em questão. Na maioria dos casos, uma construção pode ser caracterizada de acordo com todas as três dimensões” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13, tradução nossa¹⁰).

Destaque-se também, ainda com base em Traugott e Trousdale (2013), que três elementos são tidos como indispensáveis em qualquer análise construcional:

- Esquematicidade;
- Produtividade;
- Composicionalidade.

A esquematicidade faz referência ao grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção – escopo construcional. Dito de outro modo, trata-se de abstrações apreendidas de maneira inconsciente pelos falantes, o que significa dizer que existem construções das mais esquemáticas/abstratas às menos esquemáticas/abstratas.

⁸ Trata-se de estrutura bastante comum no inglês que, cunhada por Jackendoff (1990), consiste em um verbo, no termo *way* precedido de um determinante possessivo correferencial com o sujeito e em uma frase direcional, como “Frank found his way to New York” (Goldberg, 1995, p. 199).

⁹ Fonte: Adaptada de Traugott e Trousdale (2013, p. 12-13).

¹⁰ No original: “In sum, the ‘construction’, or inventory of constructions, contains items that have characteristics of all three dimensions mentioned above. In most cases, a construction can be characterized on all three dimensions”.

Esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve, na sua essência, abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, linguísticas ou não. [...]

Na nossa perspectiva linguística, esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções, sejam procedurais ou lexicais [...]. Eles são abstrações entre conjuntos de construções (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como estreitamente relacionadas umas às outras na rede construcional. Os graus de esquematicidade dizem respeito aos níveis de generalidade ou de especificidade e à extensão na qual partes da rede são ricas em detalhes (Langacker, 2009) (Traugott e Trousdale, 2013, p. 13-14, tradução e grifo nossos¹¹).

A título de exemplificação, o padrão altamente esquemático *Sujeito + Verbo + Objeto* em *Eu comi bolo* constitui a estrutura a partir da qual os falantes produzem não só a ocorrência em questão como também todas as demais em língua portuguesa (Rosário; Oliveira, 2016). Sob essa ótica, pode-se concluir, de acordo com Goldberg (2006), que os falantes têm conhecimento tanto sobre itens específicos quanto acerca dos esquemas correspondentes.

A produtividade, por sua vez, diz respeito à capacidade de um esquema de instanciar novas construções – vitalidade construcional. Nesse âmbito, Bybee (2003) distingue dois tipos de frequência relacionados ao conceito: frequência *type* (ou frequência de construção), que consiste no número de diferentes construções as quais um padrão particular tem, e frequência *token* (ou frequência de construto), que consiste no número de vezes as quais uma mesma unidade ocorre no uso.

Assim sendo, quanto mais produtivo um esquema, maior sua capacidade de atrair novas construções, que tendem a ser menos esquemáticas/abstratas – fenômeno que se relaciona diretamente ao conceito de extensibilidade. Isso nos permite afirmar, portanto, que produtividade e esquematicidade caminham lado a lado: quanto maior a produtividade, maior também o grau de extensibilidade de um esquema.

Produtividade é uma palavra que tem sido empregada de diversas maneiras. Barðdal (2008) oferece uma valiosa visão geral e uma análise de diferentes usos do termo. Na nossa perspectiva, a produtividade é gradiente. Refere-se a (esquemas parciais) e diz respeito (i) à sua “extensibilidade” (Barðdal, 2008), ou seja, à extensão na qual se

¹¹ No original: “Schematicity is a property of categorization which crucially involves abstraction. A schema is a taxonomic generalization of categories, whether linguistic or not. [...]. In our view linguistic schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful [...]. They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely related to each other in the construcional network. Degrees of schematicity pertain to levels of generality or specificity and the extent to which parts of the network are rich in detail (Langacker, 2009)”.

sancionam outras construções menos esquemáticas, e (ii) à extensão na qual se constroem (Boas, 2008) (Traugott; Trousdale, 2013, p. 17, tradução e grifo nossos¹²).

Por fim, a composicionalidade se refere ao grau de transparência entre forma e função – alinhamento construcional. Em termos mais claros, uma construção é composicional quando o significado do todo pode ser previsto a partir do significado de suas partes.

Construcionalmente, a *composicionalidade* é mais bem entendida em termos de correspondência ou falta de correspondência entre aspectos da forma e aspectos do significado (ver Francis e Michaelis [2003] sobre incongruência e falta de correspondência). Se um construto é semanticamente composicional, então, desde que o falante tenha produzido uma sequência convencional sintaticamente e o ouvinte compreenda o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se não for composicional, haverá falta de correspondência entre o significado dos elementos individuais e o significado do todo (Traugott; Trousdale, 2013, p. 19, tradução e grifo nossos¹³).

Ironia construcional

Também objeto de estudo de Veale e Hao (2010), Camp (2012) e Michaelis e Feng (2015), mais recentemente Lehmann e Bergs (2021) procederam a uma investigação que joga luz sobre o conceito de ironia construcional.

A partir de três construções do inglês, quais sejam, ‘Me fale sobre isso’, ‘[...] pronome não é/são’¹⁴ e ‘Como se’¹⁴, retiradas dos contextos a seguir, estes pesquisadores evidenciam um uso literal (a) e um irônico (b):

- (3) a. Certo. Então, existem sites. Existem aplicativos que vão além de um eBay ou um Craigslist. Me fale sobre isso.

¹² No original: “Productivity is a term that has been used in a number of different ways. Barðdal (2008) provides a valuable overview and analysis of a number of different uses of the term. In our view the productivity of a construction is gradient. It pertains to (partial) schemas and concerns (i) their ‘extensibility’ (Barðdal, 2008), the extent to which they sanction other less schematic constructions, and (ii) the extent to which they are constrained (Boas, 2008)”.

¹³ No original: “From a constructional point of view, compositionality is best thought of in terms of match or mismatch between aspects of form and aspects of meaning (see Francis and Michaelis [2003] on incongruence and mismatch). If a construct is semantically compositional, then as long as the speaker has produced a conventional sequence syntactically, and the hearer understands the meaning of each individual item, the hearer will be able to decode the meaning of the whole. If it is not compositional, there will be mismatch between the meaning of individual elements and the meaning of the whole”.

¹⁴ As construções originais são, na mesma ordem: ‘Tell me about it’, ‘XP pro BE not’ e ‘As if’.

- b. “Isso é muita coisa para lidar em muito pouco tempo.” # “**Me fale sobre isso.**” (Lehmann e Bergs, 2021, p. 310, tradução e grifo nossos¹⁵).
- (4) a. Há muitas coisas que George Ryan poderia ser, mas covarde ele não é.
b. Mas Roger Starr, um ex-prefeito da cidade de Nova York e ocasional opositor da Sra. Jacobs, notou agudamente o aço por trás de sua simplicidade. # “Que personagem **querido e doce ela não é**”, disse ele (Lehmann e Bergs, 2021, p. 310, tradução e grifo nossos¹⁶).
- (5) a. Como se fosse um serviçal ou mordomo, ele carregava uma maleta em cada mão.
b. “Eu sou um duende”, diz o pequeno garoto finalmente, “Conachail Fiodh Dubhthaigh à sua disposição”. – Certo. **Como se** mais alguém na sala pudesse pronunciar isso (Lehmann e Bergs, 2021, p. 310, tradução e grifo nossos¹⁷).

Em todos os casos, de (3) a (5), (a) ilustra o uso literal das construções em questão, enquanto (b) exemplifica o mesmo padrão sintático básico, mas imbuído de sentido irônico. Em seguida, reunindo critérios que lhes conferem o estatuto de construções, Lehmann e Bergs (2021) expõem os achados relativos a cada construção individualmente e asseveram que o conhecimento acerca de seu uso adequado é armazenado pelos falantes.

No que concerne a ‘Me fale sobre isso’, por exemplo, trata-se de construção substantiva que não permite nenhuma variação. Apesar de seu uso literal poder ser parafraseado sem comprometer a adequação da construção, o mesmo não se mostra possível quanto ao sentido irônico, o que faz pressupor a preferência por ela a outras aparentemente idênticas e seu enraizamento linguístico como veiculadora de ironia. Nesse aspecto, das 1.482 ocorrências coletadas pelos pesquisadores, 76% apresentam uso irônico, demonstrando a forte associação da construção a esse tipo de sentido.

A propósito, um aspecto particularmente interessante está associado à aquisição da linguagem: considerando o desenho *My Little Pony: Friendship is Magic*, voltado para meninas entre 4 e 11 anos, observou-se que muitas crianças dessa faixa etária não

¹⁵ No original: “a. Okay. So there are websites. There are apps that go beyond an eBay or a Craigslist. Tell me about it. b. ‘That’s a lot to deal with in a very short time.’ # ‘Tell me about it.’”.

¹⁶ No original: “a. There are a lot of things George Ryan might be, but a coward he is not. b. But Roger Starr, a former New York City housing administrator and sometime opponent of Ms. Jacobs, keenly noted the steel just beneath her folksiness. # ‘What a dear, sweet character she isn’t,’ he said.”.

¹⁷ No original: “a. As if he were a footman or butler, he carried a valise in each hand. b. ‘I’m a leprechaun’, the little guy says finally, ‘Conachail Fiodh Dubhthaigh at your service’. – Right. As if anyone else in the room could pronounce that.”.

compreendem plenamente o efeito da ironia, dado que a habilidade de reconhecê-la costuma se desenvolver gradualmente entre os 6 e os 13 anos.

Ainda assim, os roteiristas parecem pressupor que tal uso de ‘Me fale sobre isso’ não implique obstáculos ao público-alvo em termos de compreensão, o que tanto reforça a ideia de que se trata de unidade linguística enraizada no repertório cognitivo dos falantes desde tenra idade quanto confere à construção um estatuto de familiaridade no plano da ironia (Lehmann; Bergs, 2021).

Com relação a ‘[...] *pronome não é/são*’, por seu turno, em 95% das 193 ocorrências obtidas, a construção sintática e pragmaticamente independente – aquela não embutida em uma construção sintática maior nem em nenhum contexto pragmático específico para torná-la apropriada – é interpretada de forma irônica. Outros casos, menos numerosos, são aqueles em que a construção é independente sintaticamente, mas embutida em um contexto concessivo, além daqueles em que a construção é parte de um contexto concessivo tanto pragmática quanto sintaticamente.

Importante fazer constar, porém, que, em todos os três tipos, a construção pode expressar ironia, a despeito de, no primeiro, com independência sintática e pragmática, ela se associar à ironia acima da média.

Acrescente-se ainda que ‘[...] *pronome não é/são*’ parece preferir conceitos com conotação positiva, o que espelha, na verdade, o comportamento geral da ironia, ao criticar algo ou alguém por meio de construções positivas. Fato é, então, que, “no geral, sua alta frequência *type*, sua forte probabilidade de ser interpretada como irônica e suas características idiossincráticas fornecem ampla evidência de que ‘[...] *pronome não é/são*’ está enraizado no imaginário coletivo” (Lehmann; Bergs, 2021, p. 324, tradução nossa¹⁸).

Por fim, quanto a ‘Como se’, demonstra-se que as cláusulas insubordinadas autônomas ‘Como se’ podem ser empregadas ironicamente e que, por isso, podem ser consideradas imprevisíveis em seu significado. A esse respeito, tal imprevisibilidade de significado é sistemática, o que significa dizer que a ironia, sendo inerente à construção, legitima ‘Como se’ como construção.

Some-se a isso o fato de, coletadas 589 ocorrências, as cláusulas insubordinadas autônomas serem interpretadas ironicamente em 95% dos casos, corroborando-a como construção com significado irônico. Além disso, mostram-se altamente produtivas, com

¹⁸ No original: “Taken together, its high type frequency, its strong likelihood of being interpreted as ironic and its idiosyncratic features provide ample evidence that ‘*XP pro BE not*’ is entrenched in the language user’s constructicon”.

alta frequência *type* e baixa frequência *token*, e atraem itens de polaridade negativa com mais frequência se comparadas com as cláusulas insubordinadas elaborativas ou com as subordinadas.

O desenvolvimento de *Como se* para um idiomático que é interpretado como irônico por padrão deve ter sido motivado de alguma forma. Uma explicação provável é que *Como se* insubordinado autônomo, com seu significado irônico, tornou-se enraizado no imaginário do usuário da língua (Lehmann; Bergs, 2021, p. 329, tradução e grifo nossos¹⁹).

Isso posto, Lehmann e Bergs (2021) chegam à conclusão de que, quando uma construção substantiva e esquemática está convencionalmente associada à ironia, ela pode ser qualificada como ironia construcional. Dito de outro modo, construções que mais frequentemente são interpretadas como irônicas do que como literais ou unicamente irônicas são ironias construcionais.

Logo, dado que construções se configuram como pareamentos forma-função compartilhados pelos falantes e que ironias construcionais consistem em construções com apagamento ou inexistência de sentido literal, é plenamente plausível enquadrar *só que nunca* e *só que sim* – cujas propriedades são elucidadas na seção Análise – no arcabouço de ironias construcionais.

Só que

Como discute Longhin-Tomazi (2003 *apud* Anônimo, 2017) acerca da perífrase *só que*:

Só que apresenta características que o igualam a uma conjunção adversativa qualquer, em virtude da invariância identificada. Em outras palavras, Longhin-Tomazi (2003b) identificou diversos traços que *só que* e as demais conjunções adversativas compartilham, havendo, pois, nesse sentido, uma relação de igualdade, de invariância entre eles. Constatou-se que, assim como as demais conjunções de natureza adversativa, *só que*:

- articula segmentos autônomos – apropriando-se de uma das funções da conjunção (a de ligar sentenças), *só que* e as conjunções adversativas abonadas pela gramática partilham o fato de conectar sintagmas;

¹⁹ No original: “The development of ‘As if’ to an idiom that is interpreted as ironic by default must have been motivated somehow. A likely explanation is that stand-alone insubordinate ‘As if’ with its ironic meaning has become entrenched in the language user’s constructicon”.

- introduz o dado mais relevante – na verdade, o que prevalece é sempre a oração introduzida pela partícula adversativa, sendo a oração inicial apenas um pretexto;
- sustenta uma relação coesiva entre os componentes que liga – como um conector, *só que* ajuda a atribuir sentido a um enunciado ao estabelecer ligação entre os termos veiculados pelas sentenças;
- configura contraste entre A e B – tendo em vista a natureza adversativa da perífrase, ela opõe um evento a outro e, mais do que isso, determina aquele que deve sobressair (Longhin-Tomazi, 2003 *apud* Camargo, 2017, p. 44, grifos do autor).

Entretanto, tal relação de contraste, ainda consoante Longhin-Tomazi (2003 *apud* Camargo, 2017), expõe algumas especificidades, o que distancia *só que* do tipo de articulação promovido pelo conjunto de conjunções adversativas conhecidas:

Para interpretar os enunciados coordenados por *só que*, é necessário reconhecer que a perífrase acrescenta a um enunciado prévio e autônomo uma circunstância nova, não mencionada, que é suficiente para cancelar pressuposições comuns aos participantes da interação. Esse esquema básico de funcionamento, identificável em todas as ocorrências de *só que*, é o que chamei de invariabilidade. Acontece que, nos diferentes contextos de uso, cancelar implica, entre outras coisas, comparar, refutar, surpreender e argumentar, do que resultam os vários tipos de *só que*, que chamei de variabilidade (Longhin-Tomazi, 2003, p. 150 *apud* Camargo, 2017, p. 46, grifos do autor).

Dessa maneira, ainda que *só que* esteja isolado no sentido de ser a única construção do gênero a apresentar cinco diferentes acepções, ela se aproxima das demais conjunções adversativas pela característica comum de cancelamento de pressuposição, dentre as quais se destaca *mas* (Camargo, 2017). Assim, *só que* e *mas*, grosso modo, por exercerem função parelha, podem ser tidas como sinônimas, ressalvadas as especificidades de cada uma.

Tomemos, a propósito, uma ocorrência como (6):

- (6) A deputada Luiza Erundina (PSOL-SP), que coordenou a comissão na Câmara criada para acompanhar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), afirmou que o memorando “vem revelar aquilo que já se sabia, **só que não** tínhamos provas nem evidências” (3, <https://g1.globo.com/politica/noticia/apos-revelacao-de-memorando-da-cia-deputados-e-senadores-cobram-abertura-de-arquivos-militares.ghtml>, 2014, grifo nosso).

Em (6), o que há é o operador de foco *só que* acrescido da partícula *não*. Como demonstra (6a), *só que* é plenamente substituível por *mas*:

- (6) a. A deputada Luiza Erundina (PSOL-SP), que coordenou a comissão na Câmara criada para acompanhar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), afirmou que o memorando “vem revelar aquilo que já se sabia, **mas não** tínhamos provas nem evidências”.

Convém frisar, no entanto, que, em virtude da idiosincrasia de *só que* na focalização de um evento, nem sempre *mas* é substituível por *só que*, como afirma Longhin-Tomazi (2003 *apud* Camargo, 2017).

Em tempo, embora nosso interesse não recaia sobre esse tipo de uso diretamente, é do articulador *só que* que provavelmente tenha se originado o esquema [só que X_{Adv}], no qual estão inseridas as construções *só que nunca* e *só que sim*, uma vez que parte do significado destas é dedutível das partículas que as constituem:

- *só*, na descrição linguística, é visto mais comumente como operador de foco, isto é, como advérbio focalizador ou restritivo (Longhin-Tomazi, 2003 *apud* Camargo, 2017);
- *que*, por sua vez, parece exercer a função de conjunção integrante, a qual, em decorrência da “cristalização gradual da perífrase [só que], perde a transparência e passa a funcionar simplesmente como segundo membro da construção gramaticalizada” (Longhin-Tomazi, 2003, p. 193 *apud* Camargo, 2017, p. 84);
- X, ocupado sempre por um advérbio, exprime diferentes valores, a depender da natureza do advérbio em uso.

Metodologia

Para a coleta de dados, fizemos uso d’O *Corpus do Português* (Davies, 2016), desenvolvido por Mark Davis, da Universidade Brigham Young (BYU), e Michael Ferreira, da Universidade Georgetown.

Ao longo dos meses de outubro, de novembro e de dezembro de 2024, realizamos buscas para a constituição de nosso corpus, considerando as diferentes configurações formais conhecidas de [só que X_{Adv}], a saber, *só que não*, *só que nunca*, *só que sim* e

outras mais que pudéssemos constatar. Por meio da etiqueta [só que ADV], pela qual é possível abarcar ponto ou vírgula antes ou depois das ocorrências, recorreu-se à microamostra NOW, que retornou 160 entradas ao todo, independentemente da frequência.

Nesse âmbito, na medida em que a microamostra em questão contempla textos de quatro variedades do português, foi essencial que nos debruçássemos apenas sobre fragmentos textuais de falantes brasileiros, já que esse é o nosso interesse – daí termos tomado o cuidado de, lançando mão do filtro *Country*, disponibilizado pela plataforma, restringir a busca a páginas do Brasil.

Saliente-se que, dos resultados obtidos, muitos não constituíam o fenômeno aqui em discussão, em termos de comportamento morfossintático-pragmático. Em razão disso, por meio da aba *Context*, com base no contexto das ocorrências, fizemos uma seleção, tendo descartado aquelas em que *só que nunca* e *só que sim* não exprimiam ironia.

Dessa forma, a construção *só que nunca* somou, ao todo, 69 ocorrências, das quais, todavia, 2 se enquadraram no padrão [só que X_{Adv}] em estudo. A esse respeito, a bem da verdade, vale dizer que a pesquisa tem viés muito mais qualitativo do que quantitativo.

Vejamos, a seguir, um desses casos:

- (7) Bruna Marquezine mostrou as curvas em roupas justas na passarela da Coca-Cola Clothing, no Fashion Rio. Durante conversa com a revista “Glamour”, a atriz falou sobre os bastidores desfile sobre dieta. “Não faço nenhuma dieta maluca. Durante a semana mantenho uma alimentação boa, controlada, mas nos finais de semana não me seguro e enfio o pé na jaca mesmo”, revelou. Recentemente, Bruna publicou fotos durante o seu treino de Crossfit. A atriz está se exercitando com a amiga de cena, Giovanna Antonelli. “Já ‘crossfitei’ por hoje! Treino fácil porque é domingo! **Só que nunca** (risos)! Morta e enterrada!”, escreveu no Instagram. A morena começou a se exercitar após o Carnaval e, segundo o seu personal trainer, Marcos Vianna, parece estar gostando (57, https://www.purepeople.com.br/noticia/bruna-marquezine-fala-sobre-boas-formas-nos-finais-de-semana-enfio-o-pe-na-jaca_a18815/1, 2014, grifo nosso).

Por sua vez, *só que sim* apresentou 2 ocorrências, ambas características do fenômeno em discussão. Uma delas é a seguinte:

- (8) A Uruguaia poderia se chamar “O Argentino”, porque é mais sobre o escritor Lucas Pereyra do que sobre Magalí Guerra Zabala, codinome Guerra, a linda moça que ele conheceu e beijou no verão passado, durante um festival literário. Escritor e marido em crise, resta a Lucas viver uma fantasia a pleno vapor. Mas não precisava ter deixado a caixa de mensagens aberta no computador de casa... ir de uma margem a outra é realidade e metáfora: o Uruguai é bom lugar para ilusões. **Só que sim.** O país de Luis Suárez, Juan Carlos Onetti, Loco Abreu e Mario Benedetti também sabe ser mau, apesar da paisagem idílica, da calma existencial, dos carros antigos e do telefone fixo. Pode morder quando menos se espera (1, <https://www.metropoles.com/colunas/gosto-de-ler/a-uruguaia-e-livro-para-ser-lido-em-alta-voltagem>, 2018, grifo nosso).

Para complementarmos e refinarmos a coleta, optamos por fazer uso também do acervo Web/Dialetos. Embora se trate de acervo não tão vasto, por conter 100 milhões de termos a menos, nem tão atual, por compreender textos apenas dos anos de 2013 e de 2014, mostrou-se produtivo, tendo elencado 270 entradas.

Por um lado, *só que nunca* apresentou universo bem maior de dados, com 162 ocorrências, sendo 5 as que exemplificaram o comportamento buscado. Uma delas é (9):

- (9) Se você estiver em uma mesa com todos os seus amigos contando as maiores piadas do mundo, nem assim você vai conseguir rir com vontade. É que, por mais que esteja tudo em ordem – e não está, a gente sabe que não está –, na sua cabeça só vem a imagem da sua boca com um pedaço de brócolis em um dente, uma casca de feijão presa no outro, grãos de arroz pendurados nos ferrinhos e toda sorte de hortaliças presentes no prato visíveis nos dentes da frente. Comer sem um banheiro por perto vira uma tortura. Comer sem um líquido por perto vira hipótese fora de cogitação. Desde agosto do ano passado que eu uso um belíssimo – só que não – e confortabilíssimo – **só que nunca** – aparelho fixo e, no dia em que eu tirar, ah, no dia em que eu tirar, vou gargalhar por quatro horas seguidas. E vou tirar fotos disso, de todo jeito, em todos os ângulos. Vou rir pra desconhecidos e acho até que vou trabalhar em um quiosque de informações, apenas pra poder ser simpática profissionalmente, das oito às dezoito (153,

<https://www.ricotanaoderrete.com/2013/04/impossivel-ser-plenamente-simpatica-de.html>, página inexistente, s/a, grifo nosso).

Por outro, em se tratando de *só que sim*, da totalidade de 2 ocorrências, não houve caso prototípico.

Faça-se constar, em suma, que as rodadas de pesquisa levaram em conta somente a forma inteiriça das construções em questão, já que, na eventualidade de haver outras do tipo de [só que X_{Adv}] diferentes de *só que não*, *só que nunca* e *só que sim*, provavelmente apareceriam somente por extenso, visto serem pouco difundidas e conhecidas. Grafá-las apenas com iniciais, pois, dificultaria ao leitor sua identificação. Além disso, casos de link corrompido ou não mais existente foram computados normalmente, haja vista *O Corpus do Português* permitir conhecer o contexto no interior da própria plataforma.

Análise

Retomemos o exemplo (7):

(7) [...] Recentemente, Bruna publicou fotos durante o seu treino de Crossfit. A atriz está se exercitando com a amiga de cena, Giovanna Antonelli. “Já 'crossfitei' por hoje! Treino fácil porque é domingo! **Só que nunca** (risos)! Morta e enterrada!”, escreveu no Instagram. [...]

Em (7), a construção opera como negação irônica sobre a afirmação de que treinar, no caso *crossfit*, é fácil por ser domingo, invertendo completamente o valor semântico da proposição. Em termos de sentido, é como se deslocássemos o advérbio *nunca* para antes da afirmação principal, como mostra (7a) – embora, pragmaticamente, se veja desprezado o componente irônico atrelado à construção:

(7) a. Treino [**nunca é**] fácil porque é domingo.

Do ponto de vista da GC, *só que nunca* se configura como unidade simbólica que não é plenamente composicional. Em outras palavras, seu sentido global não pode ser reduzido à simples soma dos componentes *só que*, como operador adversativo, e *nunca*, como advérbio de tempo de polaridade negativa. Na verdade, o valor semântico-

pragmático que emerge da combinação desses elementos depende fortemente do contexto discursivo e da inferência.

De forma encapsulada, retoma-se o verbo *ser*, na terceira pessoa do singular, da proposição imediatamente anterior sem repeti-lo formalmente, o que revela o caráter elíptico e altamente convencionalizado da construção. Tal fenômeno, denominado de *encapsulamento verbal*, indica que o verbo da porção textual antecedente é reativado cognitivamente na interpretação do falante, mas não chega a se manifestar na superfície linguística, corroborando a autonomia formal da construção, como (7b):

(7) b. Treino [é] fácil porque é domingo! **Só que nunca** [é] (risos)!

Complementarmente, observemos a ocorrência (9), em que se recorre tanto a *só que não* quanto a *só que nunca* no mesmo contexto:

(9) [...] Comer sem um banheiro por perto vira uma tortura. Comer sem um líquido por perto vira hipótese fora de cogitação. Desde agosto do ano passado que eu uso um belíssimo – **só que não** – e confortabilíssimo – **só que nunca** – aparelho fixo e, no dia em que eu tirar, ah, no dia em que eu tirar, vou gargalhar por quatro horas seguidas. [...]

Sabe-se que o uso de aparelho ortodôntico sempre esteve associado a ideias como feiura, desconforto, enfim a algum tipo de comprometimento da imagem pessoal ou da funcionalidade da boca. Nesse contexto, em (9), tendo em vista a situação específica de um almoço entre amigos, ambos os adjetivos empregados em referência a *aparelho fixo* são refutados ironicamente: *belíssimo* e *confortabilíssimo* – ressalve-se, contudo, que cada qual com uma construção. É indiscutível, portanto, que, de acordo com o juízo de valor do falante, o aparelho ortodôntico compromete tanto a beleza quanto o conforto, mas, numa gradação, em graus diferentes.

Em virtude do emprego de *só que não*, a armação metálica contempla beleza em algum grau; já em razão de *só que nunca*, não contempla conforto em nenhum grau. Dessa maneira, primeiro, o uso de *só que não*, para invalidar *belíssimo*, e, logo depois, o de *só que nunca*, para invalidar *confortabilíssimo*, nessa ordem, apontam uma intensidade crescente de negação, da menos enfática à mais enfática, justamente para indicar um grau decrescente de atendimento aos valores de belo e de confortável:

só que não negação menos enfática	só que nunca negação mais enfática
belo atende mais	confortável atende menos

Caso, no entanto, os usos se invertissem, *só que nunca* incidiria sobre *belíssimo* enquanto *só que não*, sobre *confortabilíssimo*, como (9a):

(9) a. [...] Desde agosto do ano passado que eu uso um belíssimo – **só que nunca** – e confortabilíssimo – **só que não** – aparelho fixo e, no dia em que eu tirar, ah, no dia em que eu tirar, vou gargalhar por quatro horas seguidas. [...]

No cenário postulado por (9a), há uma negação decrescente. Isso porque, com *só que nunca*, esse tipo de aparelho não contempla beleza em nenhum grau, mas, com *só que não*, pode fazê-lo no que se refere a conforto.

Cumprir acrescentar que, apesar da diferença no que concerne à ênfase da negação, tanto *só que não* quanto *só que nunca* quebram expectativas, refutando ironicamente. No que tange a *nunca*, todavia, provavelmente pela natureza adverbial de temporalidade, a negação se dá de modo mais enfático, haja vista incidir sobre qualquer possibilidade – passada, presente ou futura – de verdade contida na proposição a ele associada, o que não se verifica no caso de *não*, desprovido de componente temporal.

Logo, em termos de intensidade de negação, esquematiza-se a seguinte escala:

só que não < só que nunca

Nela, *só que não* refuta prototipicamente e, por isso, implica negação menos enfática; já *só que nunca*, ao refutar categoricamente, potencializa a impossibilidade permanente de ocorrência de um evento.

Com relação à construção *só que sim*, por sua vez, retomemos (8):

(8) A Uruguaia poderia se chamar “O Argentino”, porque é mais sobre o escritor Lucas Pereyra do que sobre Magalí Guerra Zabala, codinome Guerra, a linda moça que ele conheceu e beijou no verão passado, durante um festival literário.

Escritor e marido em crise, resta a Lucas viver uma fantasia a pleno vapor. Mas não precisava ter deixado a caixa de mensagens aberta no computador de casa... ir de uma margem a outra é realidade e metáfora: o Uruguai é bom lugar para ilusões. **Só que sim.** [...]

A *uruguaia*, romance escrito pelo argentino Pedro Mairal, retrata a busca pela felicidade. Lucas, o narrador-escritor, em uma Argentina de inflação nas alturas, em que o peso perde valor de uma hora para outra, prefere atravessar o Rio da Prata, receber seu adiantamento em Montevideu e, em seguida, voltar. Tudo no mesmo dia. Além disso, tem dois encontros marcados por lá mesmo: com um velho amigo e com a mulher que dá título ao livro, uma uruguaia de nome Magalí Guerra Zabala, com quem viveu um caso no verão passado.

É nessas circunstâncias, de fuga à realidade como escritor e marido em crise em direção ao Uruguai, terra de ares aparentemente mais ‘amenos’, que a construção *só que sim* reitera a qualificação do país vizinho como bom lugar para *ilusões*, na medida em que sabe seduzir e, ao mesmo tempo, desiludir, surpreendendo com seus mistérios e pregando suas peças.

Tomemos (8a):



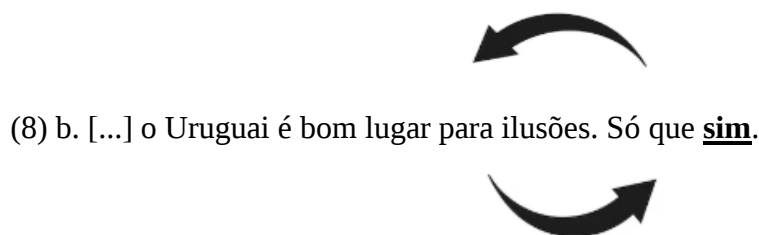
(8) a. [...] o Uruguai é bom lugar para ilusões. **Só que** [...].

Em (8a), a presença do operador de foco *só que*, discutido por Longhin-Tomazi (2003 *apud* Camargo, 2017, p. 47), “promove a introdução de informação (preferencialmente) nova no discurso e efetua mudanças na informação pragmática do ouvinte, por meio do cancelamento de pressuposições ou expectativas”.

Assim sendo, quando o interlocutor se depara com a construção *só que*, de pronto suas expectativas iniciais são quebradas em algum grau, porque ele passa a esperar a introdução de uma restrição ou até mesmo objeção à afirmação de que *o Uruguai é bom lugar para ilusões*. A título de ilustração, tal (primeira) quebra de expectativas é representada pela seta única presente em (8a).

Em seguida, complementada a contraexpectativa com um advérbio de valor positivo, como é o caso de *sim*, a restrição ou objeção sugeridas por *só que* não se

confirmam, havendo nova quebra de expectativas, já que o que se faz é reiterar justamente o conteúdo ao qual se havia insinuado uma ressalva, como exemplifica (8b):



Nota-se, portanto, que a construção *só que sim*, para operar como gatilho reiterador, promove duas quebras de expectativas – cada qual representada, em (8b), por uma seta.

Consideremos, agora, o exemplo a seguir:

(2) Pedra de hyrule (**só que sim**), NÓS (POBRES BRASILEIROS) teremos o Nintendo TVii aqui no BRasil e o que acha sobre o remake de DuckTales (Ooo-Hoo)? \o/ [...]

Em (2), faz-se referência ao universo dos jogos de videogame, com a chegada ao Brasil, à época, do Nintendo TVii.

Nesse sentido, Hyrule designa um reino fictício inspirado na Idade Média que é o cenário principal do mundo de *The Legend of Zelda* – série de jogos eletrônicos de ação-aventura com elementos de RPG. Enquanto exploram Hyrule, os jogadores se deparam com diferentes tipos de pedra caindo do céu, cujo objetivo é ajudá-los a fazer a travessia pelo reino, seja revertendo projéteis inimigos, seja facilitando a escalada de montanhas e penhascos (Schulle, 2023). *Duck Tales*, por seu turno, diz respeito a um jogo cujos protagonistas são Tio Patinhas e seus sobrinhos: Huguinho, Zezinho e Luisinho. Juntos, eles viajam até locais exóticos imbuídos da missão de recuperar os cinco tesouros lendários (DuckTales Remastered, 1989/2013).

Como já se sabe, o esquema [só que X_{Adv}] aparece sempre posposto a uma proposição, uma vez que sua função é, retomando-a, refutá-la ou reiterá-la ironicamente. Nesse âmbito, (2a) exemplifica a lógica hierárquica segundo a qual o esquema opera:



(2) a. Pedra de hyrule (só que sim)

afirmação + reiteração

Prova disso é (2b), que subverte a lógica referida e leva a construção *só que sim* a agir sobre um conteúdo inexistente:



(2) b. (só que sim) Pedra de hyrule

reiteração + afirmação

A despeito de, em (2b), se poder entender, em uma leitura não natural, o sentido pretendido, trata-se de uma organização frasal contraproducente, porque, para que expectativas possam ser quebradas pela construção, é preciso que, primeiro, elas tenham sido criadas, o que só é possível quando *só que sim*, nesse caso, tem um conteúdo sobre o qual operar. Em outros termos, o fato de a anteposição não ter sido observada em nenhum dos dados do *corpus* é revelador não de uma preferência arbitrária pela posposição, mas do caráter articulador anafórico do esquema.

Afirma-se, desse modo, que *só que nunca* e *só que sim*, entre outros aspectos, veiculam ironia,

- i) refutando ou reiterando sempre a porção textual imediatamente anterior, o que faz delas construções com posição fixa;
- ii) encapsulando a repetição do verbo/locução verbal da proposição anterior, o que faz delas construções indivisíveis.

Isso posto, tendo em vista que a propriedade de esquematicidade se refere ao grau de abstração ou generalização de uma construção linguística, observa-se que o aumento da esquematicidade implica maior abstração e menos dependência de elementos lexicais específicos.

Constatamos, pois, certa esquematicidade de [só que X_{Adv}], uma vez que mantém a forma fixa *só que* e um *slot* X preenchível por advérbios de polaridade – o que ilustra

sua fixidez – e, em se tratando de *só que não*, a possibilidade de reforço/intensificação ou de modalização.

Relativamente à propriedade de produtividade, definida como sendo a capacidade de um esquema ou construção de gerar instâncias, [só que X_{Adv}] se mostra produtivo, pois instancia construções como as já conhecidas *só que não*, *só que nunca* e *só que sim* e, possivelmente, outras mais. Nesse aspecto, vale dizer que não basta, no entanto, atestar a diversidade de advérbios que já preenchem o *slot* X; é preciso demonstrar se o esquema mantém a capacidade de licenciar novas instâncias que sejam compatíveis com seu pareamento forma-função.

Diante desse cenário, em se tratando de [só que X_{Adv}], embora seja evidente a predominância de advérbios de polaridade, quais sejam, *não*, *nunca* e *sim*, o padrão admite, mesmo que de modo marginal, outros preenchimentos, desde que preservem o contraste irônico característico da construção.

Ainda nesse sentido, verificamos perda de composicionalidade, tendo em vista que a soma das várias partes que compõem as construções instanciadas pelo esquema [só que X_{Adv}] não é suficiente para que se estabeleça seu real sentido, uma vez que se despreza o componente pragmático.

Ademais, devido ao destacado componente irônico nos contextos em que ocorrem *só que nunca* e *só que sim*, consoante os já expostos parâmetros adotados por Lehmann e Bergs (2021), podemos enquadrá-las no arcabouço de ironias construcionais. Isso porque sua alta frequência *type*, sua alta probabilidade de interpretação como irônicas e suas propriedades idiossincráticas – partilhadas por *só que não*, como posição fixa, natureza formulaica e tanto quebra de expectativas quanto ironia intrínsecas (Camargo, 2017, 2020, 2022) – manifestam seu enraizamento no imaginário da comunidade de falantes.

Considerações finais

Indiscutivelmente, *só que nunca* e *só que sim* constituem pareamentos forma-função altamente integrados e, por isso mesmo, construções, cujo todo semântico-sintático tem a função de refutar ou reiterar à base de ironia uma proposição imediatamente anterior. Dito de outro, visto que os traços das categorias originais de suas partes se perdem parcialmente, que a existência de outras construções irônicas em ambientes de variados graus de (in)formalidade, como *só que não*, veicula um esquema amplo e que, como consequência da esquematicidade, sua capacidade de criação é

produtiva, [só que X_{Adv}] pode ser classificado, de acordo com as dimensões propostas por Traugott e Trousdale (2013), como uma construção:

- *complexa*, porque sem significado literal transparente. Embora *só que* funcione como um conector adversativo equivalente a *mas* (Longhin-Tomazi, 2003), quando combinado com advérbios como *nunca* e *sim* com encapsulamento verbal, o sentido vai além de mera negação enfática ou reiteração, uma vez que há, envolvidas, nuances pragmáticas, como a ironia.
- *esquemática*, porque de estrutura formulaica recorrente. Tal construção obedece a um esquema fixo em que determinados *slots* podem ser preenchidos por diferentes elementos sem, entretanto, comprometer a lógica irônica.
- *procedural*, porque portadora tanto de conteúdo semântico quanto de aspecto procedimental. A construção em questão, ora pelo significado lexical dos itens constitutivos do esquema, ora pelos efeitos pragmáticos, como forte refutação irônica (*só que nunca*) e reiteração irônica (*só que sim*), conduz o interlocutor a respeito de como interpretar a informação ali em evidência, influenciando a interação comunicativa.

Vale acrescentar que a ironia, em todos os casos, provoca o encapsulamento promovido por [só que X_{Adv}], que, implicitamente, retoma apenas o verbo/locução verbal da primeira porção textual ou formas como *ser* e *estar*, que são genéricas. Além disso, “ela suaviza a negação, que ‘é ato ameaçador da face’” (Neves, 2006, p. 78 *apud* Camargo, 2017, p. 62), e intensifica o sentido. [...] ‘É recurso mais complexo do que a negação explícita e espraia seus objetivos a pontos inatingíveis para a forma de negar diretamente (Neves, 2006, p. 78 *apud* Camargo, p. 62)’”.

Fica clara, por fim, a existência de “formas sintáticas convencionalmente associadas ao sentido irônico” (Lehmann; Bergs, 2021, p. 335, tradução nossa²⁰), o que corrobora o conceito de ironia construcional. Assim sendo, *só que nunca* e *só que sim* constituem estruturas sintáticas interpretadas mais frequentemente como irônicas, revelando ser a ironia um mecanismo cognitivo fundamental.

²⁰ No original: “[...] there are syntactic forms conventionally associated with an ironic meaning”.

REFERÊNCIAS

ATTARDO, S. **Irony markers and functions**: towards a goal-oriented theory of irony and its processing. 2000.

BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). **The Oxford handbook of Construction Grammar**. Cambridge: Oxford University Press, 2013.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

CAMARGO, D. W. F.; HIRATA-VALE, F. B. M. A gramaticalização de “só que não” como conectivo de contraexpectativa com valor negativo. In: WOTCKOSKI, R. B.; CHINAGLIA, J. P. F.; NOCCIOLI, C. A. M. (org.) **Educação no Brasil e sua conjuntura**: tendências, desafios e perspectivas. Ribeirão Preto: Ribeirão Gráfica, 2022.

CAMARGO, D. W. F. A locução “só que não” dos pontos de vista sintático, semântico, pragmático e discursivo-textual. **Porto das Letras**, Porto Nacional, v. 6, n. 1, p. 220-249, 2020.

CAMARGO, D. W. F. **Uma investigação funcional da construção só que não no português escrito**. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

CAMP, E. Sarcasm, pretense, and the semantics/pragmatics distinction. **Nous**, v. 46, n. 4, p. 587-634, 2012.

CUNHA LACERDA, P. F. A.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C. (org.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017.

DAVIES, M. **O Corpus do Português**: Web/Dialects. 2016.

DUCKTALES REMASTERED. **Steam**, 1989/2013. Disponível em: https://store.steampowered.com/app/237630/DuckTales_Remastered/?l=portuguese. Acesso em: 5 set. 2025.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O’CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, Nova York, v. 64, n. 3, 1988.

GERVASIO, T. L. **Construções #SóQueNão, #SóQueSim e #SóQueNunca à luz da linguística cognitiva**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X doing Y? construction. **Language**, [S. l.], v. 75, n. 1, 1999.

LEHMANN, C.; BERGS, A. As if irony was in stock. The case of constructional ironies. **Constructions and Frames**, [S. l.], v. 13, n. 2, 2021.

LONGHIN-TOMAZI, S. R. **A gramaticalização da perífrase conjuncional “só que”**. 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MICHAELIS, L. A.; FENG, H. What is this, sarcastic syntax? **Constructions and Frames**, v. 7, n. 2, 148-180, 2015.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística funcional, Linguística cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, 2020.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

SCHULLE, M. Zelda: Tears of the Kingdom – O que são as rochas que caem do céu. **Critical hits**, 8 jun. 2023. Disponível em: <https://criticalhits.com.br/dicas/zelda-tears-of-the-kingdom-o-que-sao-as-rochas-que-caem-do-ceu/>. Acesso em: 5 set. 2025.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TOBIN, V.; ISRAEL, M. Irony as a viewpoint phenomenon. In: DANCYGIER, B; SWEETSER, E. **Viewpoint in language**: a multimodal perspective. Cambridge: University Press, 2012, p. 25-46.

VEALE, T.; HAO, Y. Detecting ironic intent in creative comparisons. In: Conferência Europeia de Inteligência Artificial, 19., 2010, Portugal. **Anais**.

Como referenciar este artigo:

CAMARGO, Daniel William Ferreira de; HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. As ironias construcionais *só que nunca* e *só que sim*: uma análise cognitivo-funcional no português brasileiro. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.49, n.1, p. 126-151, 2025.

Submetido em: 05/04/2025

Aprovado em: 01/10/2025